



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

UMA GRANDE INVENÇÃO



Por ser muito dorminhoco,
a-pesar-de bem finório,
o senhor Dias Bacoco
chegava tarde ao escritório,

Matutando, pôs-se à coca
duma idéa e, discorrendo,
montou a grande engenhoca
que os meninos estão vendo.

Embora de galo, então,
disfarçado na madeixa,
nnca mais o seu patrão
teve motivos de queixa.



D Y N E T T E

Continuado do número anterior



QUE vindes fazer aqui, cavaleiro de Cristo? Que poder tendes para evitar que castigue um inimigo da nossa Fé? Mas Rui, com severidade e mágoa, respondeu logo:

— Desacizado andalés, irmão meu, esquecendo-vos que, em seus mandamentos, Nosso Senhor mandou: «Não matarás!» Uma gargalhada de escárneo se fez ouvir, enquanto o orgulhoso fidalgo de Penha Negra respondeu:

— Então que viestes fazer à guerra, jovem adamado, se tendes pejo de matar?

— Na guerra matávamos para nos defendermos, mas não é de cristãos matar velhos indefesos e donzelas que choram, cavaleiro!

Alvaro doçou intensamente e gritou irado:

— Havelis de me pagar essas palavras, defensor de perros infiéis. Porque não ficastes em casa fiando na roca ou a tratar dos doentes?

Mas Rui retorquiu, frio e desdenhoso:

— Perdoai, primo meu, fui injusto. Fazei desses mouros o que vos aprouver; mas, em meu parecer, só merecem a morte!

Apertaram as mãos em silêncio e Alvaro desapareceu como um raio, a desfaldar na terra do palácio a bandeira de Cristo.



— Porque não sei misteres de mulher e não teem os feridos de mim necessidade. Convosco pelejei, ao vosso lado, e segui-vos na contenda e na vitória!

Alvaro, mais calmo, estendeu-lhe a mão, perturbado mas leal



O velho Emir, que presenciara esta scena com espanto, só pôde murmurar para Ruy.

— Quem te inspirou, bom cavaleiro, tão nobre procedimento e belas palavras?

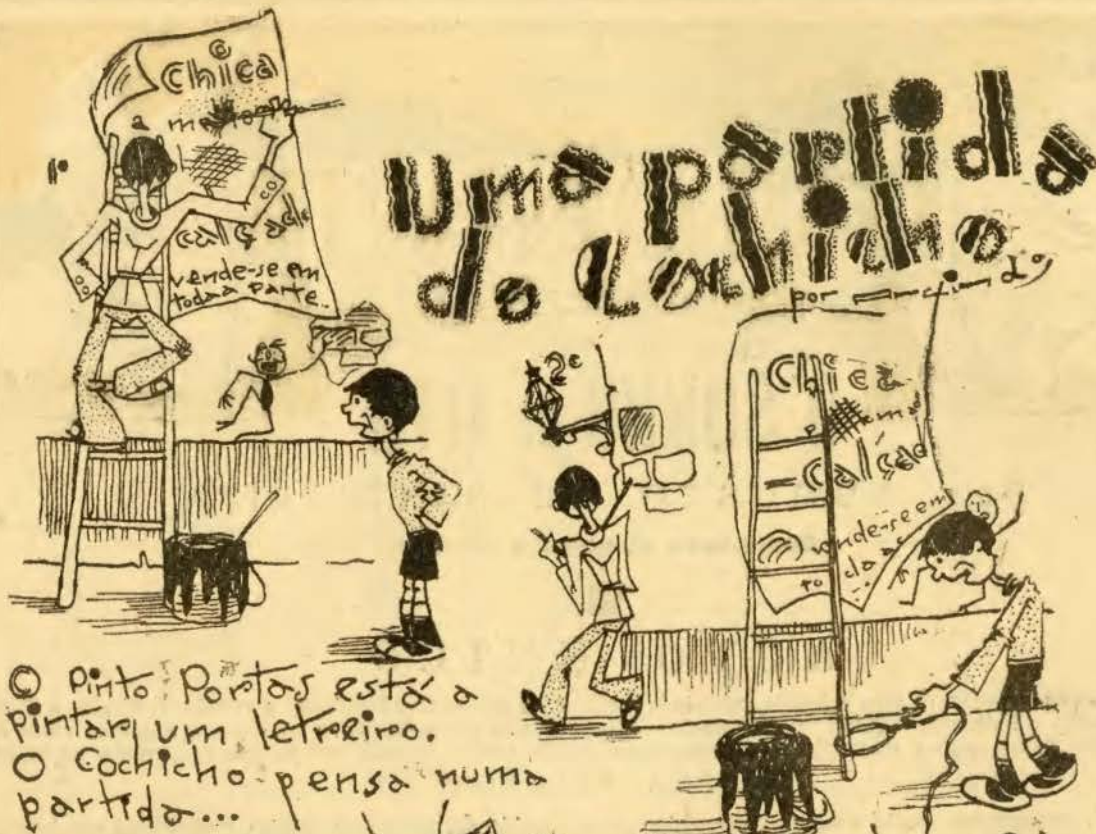
— Jesus Cristo, filho de Deus verdadeiro, mas ditou, velho. Eu nada mais fiz do que cumprir os seus ensinamentos!

Com um gesto suave levantou a moura, que a seus pés lhe beijava a orla da capa, e, dirigindo-se ao velho, disse:

— Que caminho deverias tomar para ir ter com os teus?

Uma luz de esperança brilhou nos olhos da moura que, antes que o pai tivesse tempo de lhe responder, o levou pela mão para uma sala contigua.

Um reposteiro encobria uma porta falsa que se movia por meio de um botão oculto num rendilhado da parede



Uma partida do Cochicho

1.
O Pinto Pontas está a pintar um letreiro.
O Cochicho pensa numa partida...

2.
Enquanto o pintor vai buscar o pincel, o Cochicho amarra um cordel à escada.



3.
Quando o Pinto Pontas voltou, deu um salto morto...



4.
e enfiou na lata da tinta ficando tal e qual um escarimba.

Mal Zaira lhe tocou com o esguio dedo moreno, uma porta rodou nos gonzos e um comprido corredor apareceu ante os olhos espantados de Ruy.

— É o corredor que vai dar aos subterrâneos? Lá se se esconderam alguns dos nossos. É o caminho da salvação! — explicou ela, sorrindo-lhe.

— Quem é Cristo? — perguntou avidamente, com os olhos fitos no rosto do cavaleiro.

— É o nosso pai que está nos Ceus. O Senhor de todas as coisas, o filho do único Deus, pois é Pai Filho e Espírito Santo! — explicou Ruy, com fervor.

A moura ficou um momento pensativa, olhando o pai que os escutava em silêncio.

— Dá-me uma medalha, um amuleto do teu Deus! — exclamou, pondo as mãos.

(Continua no próximo número)



O SONHO DE TITÓ

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Continuado do numero anterior

ACTO UNICO

A scena representa uma cidadela armoriada e recortada de ameias, Fundo de arvoredo. Á direita, o Pierrot, o Arlequim, o Palhacito — (bobo D. Berimbau) — e o cavalo de pasta, inertes a um canto e a grande caixa de soldados, com estes dentro, em séries, ordenadamente. Vê-se, porém, apenas uma parcela rectangular da caixa.

SCENA PRIMEIRA

Titó, com sceptro, corôa e manto de arminho, passa seguido por numeroso séquito, constituído por áulicos — fidalgos e damas da côrte, págens, etc.

Titó — (*chamando para a direita*)

Págem Delfim...

Págem Delfim — (*perfilando-se*):

Magestade?

Titó

O meu cavalo de pau
e o bóbo D. Berimbau.

Págem — (*retirando*)

Cumpra-se a vossa vontade...

Titó — (*para a sua côrte*)

Quero aqui organizar

uma grande e linda festa!





SCENA SEGUNDA

Berimbau—(trazendo á arreata o cavalo de pasta)

Eu aqui estou mais besta, a-fim-de vos alegrar.

(para D. Titó)

Montai, senhor!

Titó — (para o bôbo)

Monta-a, anda e fá-la já escoicear, a ver se caís para a banda, pois quero rir a fartar!

Berimbau — (montando e dando voltas pela scéna)

Taque-taque-taque-taque... cavalinho, cavalão!
Apre, que dou cada baque mas não me atiras ao chão; nada, não!

Taque-taque-taque-taque... cavalinho, cavalão!

Taque-taque, catrapás, cavalinho, cavalão!...
E's um cavalo matreiro...
cuidadinho cavaleiro...
zás-trás-pás

taque-taque...
caíndo desastradamente:
catrapás!

Ai Jesus, que fui ao chão!

(Erguendo-se)
O cavalo está folgado...

(Todo a corte ri a bandeiras despregadas).

Titó — (rindo também e com ar de desprezo:)

Mete a viola no saco, sapateiro desastrado!
e não sejas tão velhaco.
Vai-te já da minha frente!
Venha, agora, o Pierrot que me deu o meu avô, pelos anos, de presente.

(Para o Págem)

Trazei, também, Arlequim, para rir mais, a fartar; quero vê-los a cantar e a dançar só para mim.

Págem — (retirando)

Vós ordenais, Magestade, cumpra-se o vosso desejo.

SCENA TERCEIRA

(Voltando com Arlequim e Pierrot).

Ei-los, senhor!

(Para o Pierrot)

Belo ensejo para a vossa habilidade, que dizem não ter rival, ou, melhor, vosso talento, mostrardes neste momento a Sua Alteza Real.

Titó — (para Pierrot)

Cantai e dançai. Fazei divertir-se a minha Côte. E, sôb pena de morte, deslumbrai o vosso Rei.

Pierrot

A's vossas órdens, Senhor!...

Arlequim

Alteza, vós ordenais!...

Pierrot

Mas dissei-nos que mandais?

Titó

Quero um torneio de Amor. Dentre a minha comitiva a vossa dama escolhei. Batei-vos e eu dá-la-hei áquele que sobreviva.

Pierrot

Seja esta; a mais formosa, se vos parece, Arlequim!

Arlequim

Concordo convosco; sim,
Parece um botão de rosa!

Titó

Colocai num pаланquim
vossa dama com meu báculo,
e iniciai o espectáculo
principiando Arlequim.

Pierrot — (para o Rei)

A vossos pés eu, Senhor,
ouvirei o madrigal
do que vai ser meu rival
nêste torneio de Amor.

(A eleita senta-se no improvisa-
do trono e Arlequim principia
a cantar-lhe).

Por quem um parece
darei a vida; que fado!
Mas mil vidas que eu tivesse
dá-las-ia de bom grado.
Sem vosso Amôr meu viver
seria pior que a morte;
pois vos juro que morrer
era ter bem melhor sorte!

(Todos aplaudem, incluindo o
Rei que ordena a Pierrot).

Titó

Agora tu, meu rapaz,
canta também. Vamos, canta...

Apura bem a garganta
e não lhe fiques atrás.

Pierrot

Vossas órdens cumprirei,
pondo o meu talento à prova.

Arlequim — (sentando-se aos pés
de Titó)

E eu ouvirei vossa trova
assentado aos pés de el-rei!

Pierrot — (cantando)

Se eu vos pudesse embrulhar
na lua como em lençol,
à noite, em vez de luar,
por certo haveria sol;
e nunca mais se ouviria
o canto do rouxinol.
Mudava-se a Noite em Dia!

Titó — (entusiasmado)

Bravo, bravo! Muito belo!
(noutro tom)
Agora, à prova a coragem;
e principie o duelo;
duas espadas, meu págem!

Arlequim

Hei-de vencer. Morrerás.
com três ou quatro estocadas...

Pierrot

Hei-de ser eu, tu verás
o vencedor!

SCENA ÚLTIMA

Págem — (voltando com as duas
espadas)

As espadas...

Titó

Vamos... Tomai posição;
os dois em campo; uní pés!
Muito sentido; atenção...
Principiai: — Um, dois... três!

(Começa o duelo. Ora recuam ora
avançam. Toda a Côte assiste,
emocionada, às diversas fases
do duelo. Sùbitamente Arlequim
fere, mortalmente, o Pierrot que
tomba inanimado e esvaíndo-se
em sangue.

Titó

Bem de mestre o golpe foi!
Viva, viva o vencedor,
que se portou como herói,
nêste Torneio de Amôr!
Glorifiquêmo-lo. Págem,
que os meus soldados de chumbo
venham render-lhe homenagem.
Um, à frente, a tocar bumbo
e outro a tocar cornetim,
em honra desta Princesa
da Beleza
e Arlequim!

(Os soldadinhos vão surgindo da
direita lado, deslizando em
frente da eleita, de Titó e Ar-
lequim, ao som de uma mar-
cha triunfal e o pano cai).

F I M



— «Sabes, o Mateus é agora banqueiro».
— «Então, como? Safu-lhe a sorte grande?»
— «Não. Faz bancos de cozinha.»



Onde teria eu posto o meu
martelo?

HORA DE RECREIO

ANEDOTA



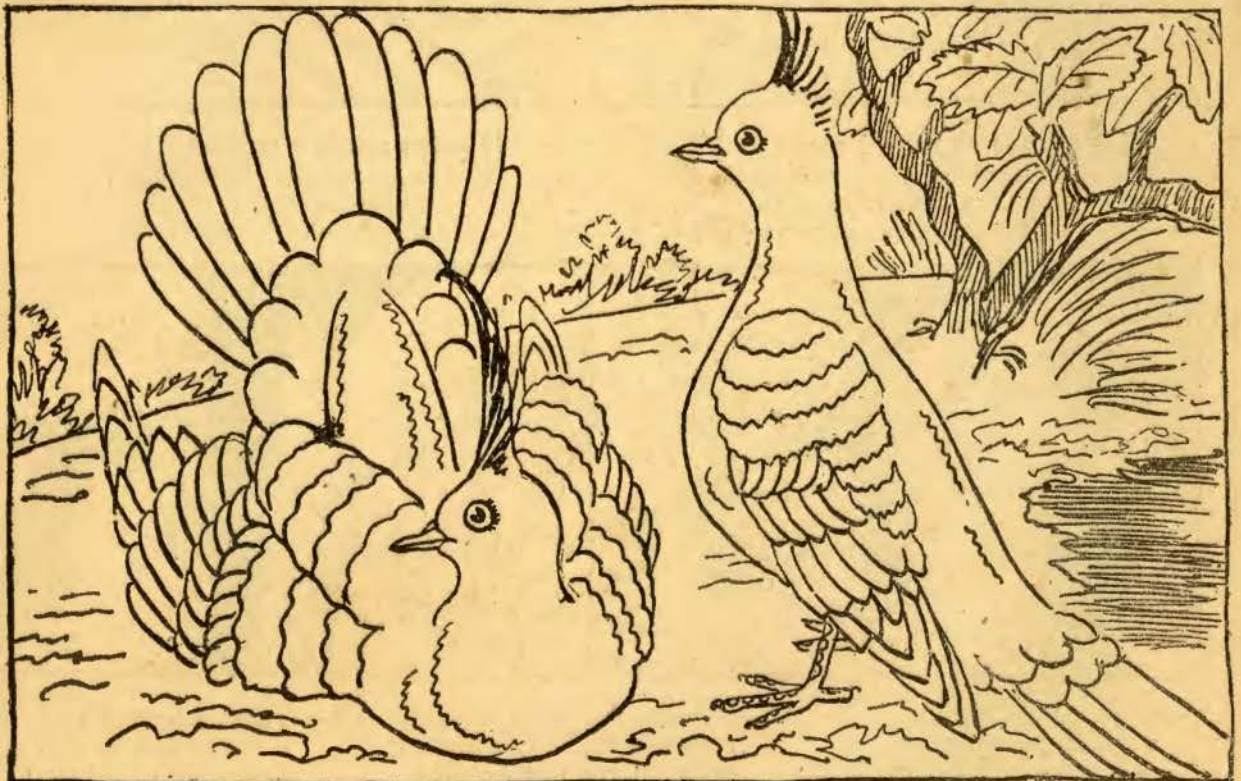
— «Que diacho fizeste tu para te pôrem nêsse estado?»
— «Dei um concerto no Café Paulino?»

ADIVINHA



— Onde deixaria eu a minha mala de mão?

PARA OS MENINOS COLORIREM



A ROLA DE POUPA — (Phaps Tophotes)

UMA RECEITA EFICAZ



I — Um robusto lavrador, porque o filho adoecera, mandou chamar um doutor, coisa que nunca fizera.

II — Mal chegou, o doutor Lebre o doentinho auscultou; viu-lhe a língua, viu-lhe a febre e, em seguida, receitou,



III — dizendo ao pai e à mamã: — «dêem-lhe êstes papelinhos de hora a hora e, amanhã, voltarei, meus amiguinhos.»

IV — Eis aviada a receita e, muito bem dobradinhos, numa caixinha, bem feita, chegam os tais papelinhos.



V — Logo, no dia seguinte, o pai do pequeno diz: — «Vossa mercê deu no vinte, pois já está bom o petiz!»

VI — «Deram-lhe, então, os papéis de hora a hora?» — «Sim, senhor; por sinal que foram seis! Mas vinham sujos, doutor.»

VII — Traziam imenso pó; o garoto nem os viu; a gente lá os limpou; e êle lá os engoliu!»